

para uma interpretação crítica da poesia de camilo pessanha

JOÃO DÉCIO

DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DE MARÍLIA

A revisão da bibliografia crítica em torno de Camilo Pessanha destaca alguns trabalhos de interesse fundamental, relativos outros, pela maior ou menor profundidade com que se abeiraram do autor da *Clépsidra*.

Em primeiro lugar, destaque-se o lúcido, embora breve ensaio de Óscar Lopes, *Pessanha ou o Quebrar dos Espelhos*¹ onde o crítico cuidadosamente se remete ao estudo da problemática simbolista do poeta português.

Estender-nos-emos mais adiante, na análise da posição de Óscar Lopes, quando estudarmos minuciosamente sua contribuição à compreensão da poesia de Camilo Pessanha.

Ester de Lemos comparece com um livro: *A Clépsidra de Camilo Pessanha*, que constitui tão-somente um estudo temático e estilístico, mas sem maiores profundidades. Trata-se aliás de uma tese de licenciatura que ligeiramente refundida se transformou em livro.

Antônio Dias Miguel comparece com um livro alentado: *Camilo Pessanha: Vida e Obra*, mas praticamente apenas no final o autor, muito timidamente, levanta uma pequena problemática de ordem conteudística no tocante à obra. No geral, fica-se num estudo exaustivo e por vêzes cansativo dos lances biográficos de Camilo Pessanha.

João Gaspar Simões é autor de um livro: *Camilo Pessanha, o Homem e a Obra*, mas rigorosamente apenas uma pequena parte é consagrada ao estudo da poesia, riquíssima, aliás, da *Clépsidra*.

1. *Ler e depois*.

Nesta oportunidade, intentamos analisar a obra de Pessanha — baseados numa teoria da poesia, ou melhor, em dois ou três teóricos da poesia: Carlos Bousoño, Octavio Paz e Georges Mounin.

O primeiro é autor de um livro fundamental, cujo título é: *Teoría de la Expresión Poética*, e preocupa-se especialmente com o problema da poesia como conhecimento e com a simbologia poética; Octavio Paz é autor de um livro vibrante e bastante aliciador: *El Arco y la Lira*; acrescenta-se que se trata também de um poeta de grande altitude; e Georges Mounin, autor de *La Communication Poétique*, que incide na análise da poesia, considerando-a como momento de fulguração, de retenção de momentos de ordem psicológica passageiros e sem maiores possibilidades de se manterem.

Enfim, a fundamentação em teóricos da poesia se explica porque o que pretende agora é localizar o poético, é mostrar por que a poesia é poesia, ou melhor, por que um texto é poético, como se realiza êle poeticamente. Ora, Camilo Pessanha, desde os elementos conteudísticos até os formais, nos oferece riquíssimas possibilidades de abordagem e é o que pretendemos fazer. De outro lado, interessar-nos-á a abordagem naturalista, à luz das várias funções da comunicação literária (emotiva, receptora, fática, metalingüística, referencial e poética) proposta por Roman Jakobson.

Assim, tentaremos dentro de uma perspectiva mais atual e moderna da crítica literária apontar o que de mais importante apresenta a poesia de Camilo Pessanha. Tematicamente, também nos interessará o autor da *Clépsidra* naquilo que apresenta de mais relevante: o lírico amoroso, a angústia, a metafísica e o erotismo.

Assim, cremos, cobrindo um campo que vai desde a determinarmos tematicamente as sugestões que o poeta oferece a autores de nomeada do modernismo, quais seja, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro.

Em alguns momentos nos interessará igualmente a análise em extensão e profundidade de alguns textos antológicos de Camilo Pessanha e aqui estamos pensando em poemas como *Caminho*, *Quem Rasgou*, *Quem Poluiu Meus Lençóis de Linho*, *Estátua* e *Chorai, Arcadas*.

Em linhas gerais aqui estão propostas algumas das diretrizes que vão nortear esta breve introdução crítica à poesia e à poemática de Camilo Pessanha.

E dentro do plano proposto, revejamos a bibliografia, começando pelo já lembrado ensaio de Óscar Lopes: *Pessanha ou o Quebrar dos Espelhos*.

No trabalho em questão importa anotar inicialmente a seguinte idéia proposta por Óscar Lopes, no início do trabalho:

“Como compreender que se seja professante, e apesar de tudo, otimista, crendo que a vida faz (mediante nós), um sentido, de que tudo vale a pena se quisermos — e que, por outro lado, se tenha uma tão grande predileção por êste poeta assim, pelo menos na aparência, tão desistente, tão demissionário: Camilo Pessanha? É que, reparece-se, já nem sequer se chora nos seus versos o pessimismo patético de Camões, Antero ou Nobre”.

A pergunta, ou melhor, a interrogação é importante, porque se além às razões do interesse despertado pelo autor da *Clépsidra*. Sim, por que se lê, por que interessa, por que desperta a curiosidade a poesia de Pessanha? E a resposta vem, em primeiro lugar, da renovação da poesia em Portugal, operada pela breve obra do poeta, renovação que se constitui numa verdadeira viragem operada pela linguagem essencialmente simbólica e antiliterária de Pessanha. E é por isso que rigorosamente é o único simbolista bem na linguagem poética de um Paul Verlaine ou de um Mallarmé. Nada de romantismo remanescente, senão decadente de um Antônio Nobre, nada de um esteticismo de um Eugênio de Castro.

Portanto, o interesse reside especialmente nesta estranheza que é a temática e a linguagem da poesia de Camilo Pessanha, indiscutivelmente uma voz nova e estranha que surge do panorama literário de Portugal, aliás, à revelia do poeta, que não publicou nada em vida ou quase nada e nem antes da morte revelou interesse em que sua obra poética fôsse publicada.

Portanto, pela excentricidade de sua poesia, pelo fato de ter sido o único poeta rigorosamente simbolista, pelo desprezo à glória literária, é que Camilo Pessanha, embora tão demissionário na obra e na vida, oferece um interesse muito grande à crítica literária.

Quanto à aproximação com o pessimismo de um Camões, um Antero ou um Nobre, realmente Camilo Pessanha refoge a isto, pois sua poesia, aliás nem pessimista nem otimista, revela antes a compreensão de verdades últimas para além dessas posições de pessimismo ou otimismo, numa atitude em que o tempo é um só (sua poesia parece revelar a síntese temporal presente, passado, futuro), e o homem revela-se numa unicidade temporal, unicidade carnal e espiritual, daí que se integrem na sua poesia uma intensa vivência erótica (é o caso de *Vênus e Lúbrica* [sua primeira composição aliás]), com outros de extrema espiritualidade (é o caso de *Caminho*, *Quem Rasgou*, *Quem Poluiu Meus Lençóis de Linho*).

A segunda idéia de Óscar Lopes que nos leva a uma funda reflexão é a seguinte:

“O que essa obra insinua é, pelo menos em primeira abordagem, a lírica da agonia, do afogamento, do naufrágio mas já consumados, ou naquela fase final em que serenamente evocamos, contemplamos nos seus vestígios diminutos (conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos) vestígios mineralizados visíveis à fria transparência de uma água sôbre a qual um navio singra, uma água que é a imagem do puro tempo incolor, inodoro, e por isso também é a mineralidade simples”. (p. 194)

A única observação que nos permitimos fazer nesta oportunidade é que essa lírica da agonia, agudamente apontada por Óscar Lopes, é que assinala que a poesia de Pessanha está além do pessimismo ou do otimismo, pois é uma poesia do fim, da certeza atingida, da superação do ser a si mesmo, da sensação de ter atingido o limite.

Mais adiante diz Óscar Lopes:

“A simpatia, por vêzes ternura, que um leitor combativo pode sentir por certas personalidades literárias afeitas a sentir sobretudo o lado negativo da vida, os motivos de ela não valer a pena, tem, antes de mais nada, uma explicação genérica. É que uma alegria funda nunca pode nascer de uma insensibilidade à dor, ao tédio, à sufocação das grandes ou pequenas ânsias, esperanças. A alegria autêntica supõe tensões, negações, alquímia de contrários”. (p. 195)

Aqui Óscar Lopes entra fundamente na temática e na posição mental de Camilo Pessanha, expressa na *Clépsidra* e nos poemas esparsos que na primeira edição não fizeram parte do volume.

A poesia de Pessanha ou melhor, os poemas de Pessanha, revela posições extremas que vão desde a vivência erótica às simples vivências sensoriais menos profundas (visuais, auditivas, olfativas), até as maiores abstrações (caso dos poemas de angústia metafísica). Vai desde a extrema vivência sensorial até a mais forte vivência sentimental, e chega à vivência metafísica, portanto percorre todos os graus do conhecimento poético. E aqui vale a pena assinalar o conceito de poesia proposto por Carlos Bou-

soño. Para êsse teórico da literatura, poesia é a contemplação de um conhecimento de ordem afetiva, sensorial ou conceptual, quer dizer que a poesia nos comunica ou um sentimento ou uma emoção ou uma idéia. Ou mais rigorosamente, poesia é a comunicação de uma contemplação, de um conhecimento, síntese do afetivo, sensorial e conceptual. Isto nos permitirá inicialmente talvez um levantamento estatístico, para apontar o predomínio das imagens sentimentais, sensoriais ou conceptuais nos poemas da *Clépsidra*.

De certa forma, êste levantamento estatístico nos levará a compreender mais claramente como Camilo Pessanha intuiu o mundo e como no-lo transmitiu em seus poemas.

Outra direção também importante, e ainda levantada pela idéia apontada por Óscar Lopes, é determinar em que sentido Camilo Pessanha continua uma tradição poética portuguesa e em que sentido êle supera e ultrapassa e dá novas dimensões à linguagem poética. Seria a tentativa de situar a poesia de Camilo Pessanha, o seu discurso poético, no contexto da poética e da cultura portuguesa em geral.

Como se pode deduzir do exposto, o problema do interêsse que possa despertar a poesia de Camilo Pessanha irradia-se para uma série de direções, que muitas vêzes extrapolam a própria literatura portuguesa.

Mas, voltemos às considerações de Óscar Lopes. Mais adiante diz o crítico:

“E certa aparente frieza de alguns poetas que, como Pessanha, não escorrem massas incandescentes de lava, mas com intuição fina (tão fina que parece quase só inteligência), apuram, no infinitésimo das grandezas mais íntimas, as relações essenciais do nosso estar-no-mundo — essa aparente frieza pode conter uma grande energia potencial, como as partículas físicas nucleares”.

Novamente o crítico toca num ponto crucial. A linguagem de Camilo Pessanha é contida, econômica, sugestiva, procurando antes sugerir que dizer diretamente, e muitas vêzes fazendo-nos com o verso reticente. Aliás, aqui está um dos processos por assim dizer simbolistas de Camilo Pessanha. Não acreditando na possibilidade de retratar momentos inefáveis, o poeta opta pela linguagem da sugestão, através de um mundo de nebulosas vaguidades, fluidos, indecisos fora do tempo e do espaço. Aliás, no

tocante ao tempo, parece ter sido Camilo Pessanha dos primeiros poetas a ter descoberto a dimensão do tempo, a importância do fluir do tempo na poesia e na vida, nisso também se antecipando à visão do tempo que nos apresenta, por exemplo, um Mário de Sá Carneiro ou um Fernando Pessoa.

Assim, alguns versos dos poemas simbólicos de Camilo Pessanha abrem para uma interpretação polivalente, ou pelo menos a realidade material translingüística cede lugar a uma realidade de ordem espiritual, pelo processo de sugestão, pelo processo do símbolo. É o que ocorre com poemas como *Caminho*, na sua totalidade, com *Quem Rasgou, Quem Poluiu Meus Lençóis de Linho*, na sua primeira parte, ou em *Castelo de Óbidos*. É a linguagem simbolista que é econômica, e com o uso de poucas palavras o poeta abre uma realidade ampla em torno do mundo, do tempo, da dor, da morte, do caminho, da vida, do erotismo, do sentimento platônico e participante, etc.

Esta linguagem econômica, contida, comprimida, era realmente algo novo e desconhecido da poesia romântica, realista ou parnasiana, e mesmo desconhecida do grande poeta da época do realismo do cotidiano, Cesário Verde. Assim, o caráter inovador do estilo e da comunicação é outro fator importante a se considerar na poesia de Pessanha.

Oscar Lopes continua:

“O que até agora sumariamente apuramos na temática deste poeta, temática aliás encarada no conceito de sua estilística (cuja análise não dispensaria, nem tenho quanto a Pessanha dispensado, quando me posso referir a êle com um fôlego de ensaio), pode pois sumariar-se deste modo: incomensurabilidade (dinâmica) entre os desejos, as razões humanas e os respectivos objetos; ânsia de identificação ou síntese entre nós e aquilo que mais cabalmente nos nega (o mineral inerte, a matéria morta), ânsia acompanhada pela consciência mais ou menos irônica de que não nos podemos representar, sequer, nem aquilo que, a seu respeito (como aliás a respeito de tudo o mais), definitivamente quereríamos”. (p. 200)

A tentativa de alcançar o inalcançável, atingir o inatingível, é o primeiro aspecto apontado pelo crítico. Realmente, depreende-se de alguns

poemas pessonianos a enorme distância entre o desejo infinito e a impossibilidade total de alcançar. É ilustrativo o poema que se segue:

Tão branca do luar!

.....
.....
.....

Eis tenho-a junto a mim.

Vencida, é minha, enfim,

Após tanto a sonhar...

Por que entristeço assim...?

Não era ela, mas sim

(O que eu quis abraçar),

A hora do jardim...

O aroma de jasmim...

A onda do luar...

O poeta sente a possibilidade da vivência sensorial simples e vulgar, mas quando busca a essência do próprio elemento sensorial, ou sentimental, vê-se frustrado no seu intento.

Desta luta interna, na busca do que o elemento sensório e sentimental apresenta de essente, através da reflexão, deriva a grande atitude atingida pela linguagem poética de Camilo Pessanha.

A grande poesia é feita de contrários, de contradições íntimas ao nível do poeta e da poesia. Nesta altura, é Jean Claude Renard, um teórico da poesia, que nos permite compreender bem o poeta e a sua poesia, quando afirma:

“Le premier problème du poète est de parvenir à se servir du langage pour exprimer son propre univers tout en laissant au langage la liberté de s'exprimer lui-même”.

Quer dizer, de um lado, põe-se o problema da poesia como iniciativa do poeta, e de outro como iniciativa da própria linguagem de sua poesia e naquilo que a linguagem pode oferecer de recursos para a comunicação.

2. *Notes sur la poésie*, p. 11, Éditions du Seuil, 1970.

E a compreensão dos poemas de Pessanha, em última análise, reside na compreensão do seu particular modo de encarar e revelar a realidade, no seu estilo, em última análise.

No momento proposto por Jean Claude Renard, em que o poeta, servindo-se da linguagem, consegue exprimir seu universo e concede à linguagem a possibilidade de exprimir-se a si mesma, terá realizado o seu estilo. Como se processa o fato respeitante ao autor de *Clépsidra* é o que veremos em artigos posteriores, e que continuarão a série que nos propomos em torno da poesia de Camilo Pessanha.